

GENTE DA CIDADE



Alfredo Ceschiatti
escultor

O pai nasceu em Udine, norte da Itália, e a mãe na Sardenha; o filho Alfredo nasceu em 1918 em Belo Horizonte, onde o velho tinha uma padaria. Estudou no Grupo Escolar Olegário Maciel e depois no Ginásio Mineiro, onde terminou o curso secundário.

Seu professor de desenho, o velho Rocha, pintor, dava a metade dos trabalhos dos alunos para o menino Alfredo corrigir, e corrigia a outra metade.

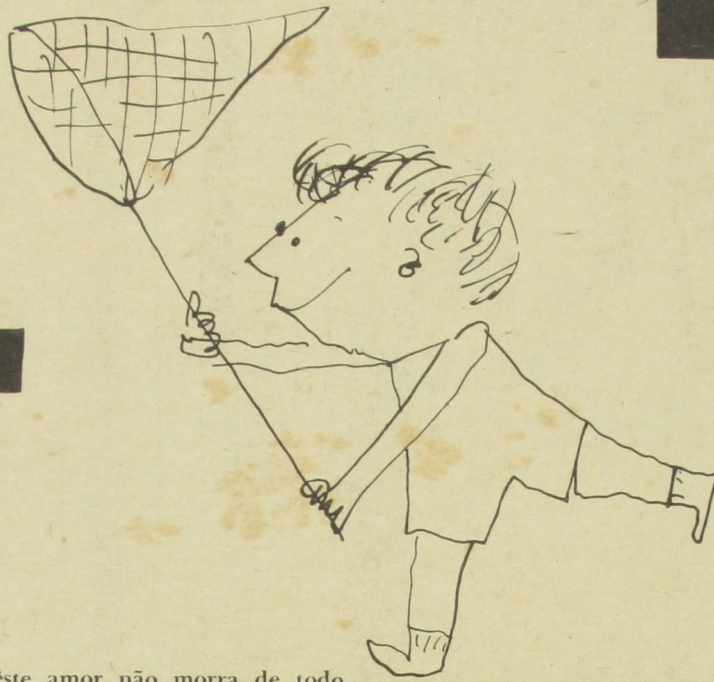
Em 1938 o rapazola que nunca viera ao Rio parte para a Itália onde viaja 2 meses e fica fortemente impressionado sobretudo com a pintura da Renascença e com Miguel Ângelo. Na volta passa dois anos mais ou menos a tôa em Belo Horizonte (desenha, faz ruínas aquarelas) e em 1940 vem para o Rio, entra para a Escola Nacional de Belas Artes e quando termina o primeiro ano dá-lhe na telha escolher escultura no lugar de pintura. Seu professor é Corrêia Lima, com quem não aprende coisa alguma; por influência de Campofiorito e Lélío Landucci passa a se interessar por arte moderna, deixa a Escola no fim do 3.º ano, ganha medalha na Divisão Moderna. Oscar Niemeyer lhe encomenda um Adão e Eva para a Pampulha, com isso ele ganha o prêmio de viagem, leva dois anos na Europa, conhece Laurens, Auricoste, Despiou (visitou-o 15 dias antes de sua morte), Fazzini e Manzú, fica amigo do pintor De Pisis (hoje louco) desenha muito e faz alguma pintura, roda por toda a Europa incluindo Finlândia e Suécia, quando volta fica chateado com a própria escultura que acha neo-clássica, sente-se confuso e incapaz, tem novas fases de boemia solta. Em 1952 volta à Europa por 4 meses, depois recomeça a trabalhar com força e gosto. Explica que as duas mulheres abraçadas que fez para o Golf Clube da Pampulha estiveram defronte da Casa de Baile, o governador Benedito Valadares achou indecente, as mulheres foram transferidas para a Ilha dos Amores, depois para a Feira de Amostras de Belo Horizonte onde ficou 2 anos até que um líder católico escreveu no "Diário" que aquilo era imoral, e as mulheres estão agora no Almoarifado da Prefeitura; uma réplica ficará na nova e linda casa de Oscar Niemeyer na Estrada das Canoas. "Mas as mulheres não são imorais — afirma Ceschiatti; essa gente é que tem maldade na cabeça, eu creio que são duas irmãs se abraçando".

Há uma história contada como anedota por muitos cronistas (o primeiro foi Paulo Mendes Campos, que contou direito) acontecida com Ceschiatti. Ele estava em Paris e sua (nossa) encantadora amiga Isadora Falcão, filha do embaixador Falcão, telefonou de Londres para convidá-lo a ir com ela a uma festa dali a dois dias em Paris. No fim da conversa Isadora avisou: "black tie" — e Ceschiatti respondeu, antes de desligar — "black tie" para você também" — e como apareceu na festa em traje de passeio não pôde entrar.

Concorre forte à próxima Bienal com quatro trabalhos: três mulheres nuas enlaçadas, um galo dourado, uma contorsionista em bronze e um peixe em pedra sabão verde.

Tem mania de jazz e de cinema, principalmente italiano, acha que o maior diretor é Renato Castellani, o maior escultor é Brancusi, nosso melhor pintor é Portinari mesmo, e quanto aos escultores brasileiros o melhor é Aleijadinho e o pior é Mário Cravo.

R. B.



A POESIA É NECESSÁRIA

mesmo aos cronistas

O FANTASMA

inconformado

DE
JOEL SILVEIRA

Mêdo de que este amor não morra de todo e como um fantasma fique rondando as vigílias. Aos ouvidos estão proibidos certos trechos de música e os olhos devem se fechar a determinadas porções da paisagem. Algumas cidades não poderão ser visitadas. O mundo será diminuído de alguns quilômetros



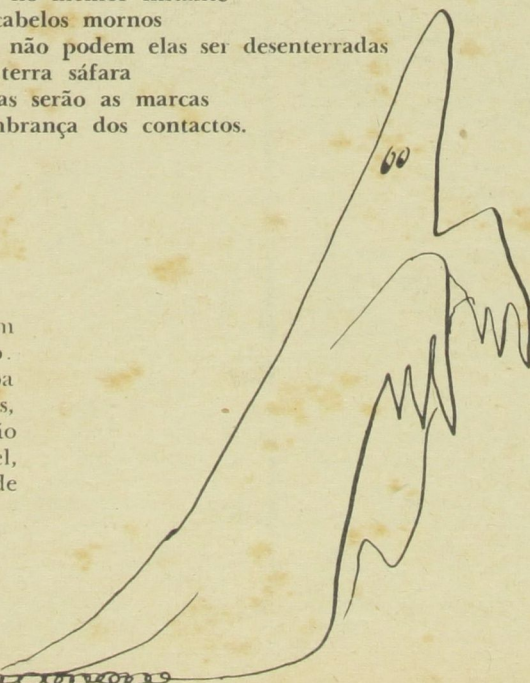
Cuidado, muito cuidado ao dobrar uma esquina. O fantasma, com as vestes e os cabelos do amor perdido poderá estar postado num poste alvoroçado de mariposas ou encostado a um muro limoso. Ao abrir despreocupado uma gaveta cuidado, muito cuidado que o fantasma talvez fuja de um envelope azul ou de um recado esquecido



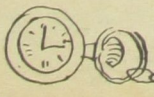
Em certas horas, temeroso será atender ao telefone que a voz do fantasma se esconde do outro lado e mesmo que não fale, seu será o silêncio — calado, êle estará avisando que permanece atento e inconformado e que suas raízes, indiferentes à copa decepada continuam a se alastrar como uma moléstia sem cura. Se não adormece bêbado facilmente o espírito dêle será dominado e lágrimas rolarão, plangentes, sobre o travesseiro



Mais cuidado ainda com certas partes do corpo onde ficaram marcas de mãos onde apertaram dedos no melhor instante e por onde roçaram cabelos mornos. Tais são as raízes. Se não podem elas ser desenterradas e atiradas longe, em terra sáfara mais roxas com os dias serão as marcas e mais dolorida a lembrança dos contactos.



Joel Silveira, grande repórter e cronista, é um poeta esporádico e, até há pouco, envergonhado. Só publicara livros de contos e reportagem. Acaba de publicar, em edição limitada a 200 exemplares, de luxo, projetada e executada a mão por João Cabral de Melo e ilustrada com gravuras de Darel, "O Marinheiro e a Noiva", livro de poemas, de onde tiramos "O fantasma".



COM
DESENHOS
DE
ANAHORY

M 80



RN 30
Go 19.8.61
CM - 22.4.52
FLU - Set 78
RN nº 30
ocupado

O aventureiro

Passo o dia ~~fazendo uma reportagem~~ não procuro nem pelo telefone nenhum amigo — e quando anoitece e chego ao apartamento sou um homem só nesta cidade de S. Paulo. Ligo para dois conhecidos; nenhum está em casa. Perdi há tempos meu caderno de endereços; não encontro a lista de telefone. Tomo um banho, mudo a roupa e saio sozinho, sem programa, pelas calçadas formigantes deste começo de noite paulistana.

A idéia de entrar em um restaurante e jantar sozinho me deixa frio. Entro num desses cafés movimentados da avenida São João, e como um desses pastéis feitos na hora, baratos e quentes com que em outros tempos enganei minha fome, nas noites frias, solitárias e sem dinheiro. Tomo também uma batida, depois peço um sanduiche e mais um pastel e um café; saio para a rua numa vaga noção de estar feliz,

Um rapaz de antigamente
Go - 19.8.61

andando no meio dessa multidão encapotada que os cinemas de grandes luzes brilhantes vão engolindo em seus enormes ventres negros, onde esses homens e essas mulheres passam duas horas entretidos na mentira de outras vidas em outras terras. Vejo a multidão que sai de um desses cinemas; muitas dessas pessoas se comoveram com a fita, algumas choraram, há famílias enormes que chegam à calçada com um ar desorientado, meio sonâmbulas, e que de repente parecem aflitas de regressar à realidade da rua e de si mesmas, e temem se desagregar no seio da multidão apressada.

Desfilam por mim centenas, milhares de caras, e não conhecer ninguém me dá uma tristeza confortável, essa doçura melancólica da cidade estranha e grande. Entretanto aqui é S. Paulo, onde tanto vivi. Entro em um bar ao acaso, mas também não vejo nenhum conhecido; e beber sozinho seria mais triste do que tudo. Agora não procuro mais ninguém; estou apenas

vagando pelas ruas, integrado nesse fluir infundável de homens — um homem calado no meio deles, um desconhecido entre desconhecidos, apenas amparado por essa vaga solidariedade feita de alguma coisa de frágil e ao mesmo tempo de hostil, de prevenção e de identidade, que une os transeuntes da mesma rua.

E reencontro assim, quase vinte anos depois, mais forte, mais populosa e imponente a minha S. Paulo da vez primeira, onde eu não conhecia ninguém e onde perambulei docemente uma noite inteira, aprendendo a rua com meus olhos e meus pés, gozando levagar o encanto da cidade que escolhera para viver exatamente porque ali não conhecia ninguém.

Mas ~~foi~~ meu nome é um amigo que me chama de dentro de um automóvel. Subo ao seu carro, vamos encontrar outros amigos em um bar. Na calçada ficou o fantasma solitário mas livre e lírico, do rapaz aventureiro de antigamente.

agora gritado;

30